

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
25 e 28 de Fevereiro de 2025

ROMANCE ON THE HIGH SEAS / 1948
(Romance no Alto Mar)

Um filme de Michael Curtiz (e Busby Berkeley)

Realização: Michael Curtiz com a colaboração de Busby Berkeley para as cenas musicais / Argumento: Julius J. Epstein, com diálogos adicionais de I.A.L. Diamond, baseado numa história de Sixto Pondal Rios e Carlos A. Olivari / Direcção de Fotografia: Elwood Bredell / Direcção Artística: Anton Grot / Guarda-Roupa: Milo Anderson / Música: Ray Heindorf e Oscar Levant / Som: Everett Brown e David Forrest / Montagem: Rudi Fehr / Interpretação: Doris Day (Georgia Garrett), Jack Carson (Peter Virgil), Don DeFore (Michael Kent), Janis Paige (Elvira Kent), Oscar Levant (Oscar Farrar), S.Z. Sakall (tio Laszlo), Fortunio Bonanova (Plinio), Eric Blore (médico), Franklin Pangborn (repcionista), etc.

Produção: Michael Curtiz Production, para a Warner Brothers / Produtor: Alex Gottlieb / Cópia digital, colorida, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 99 minutos / Estreia em Portugal: Tivoli, a 9 de Maio de 1949.

A célebre piada de Groucho Marx – “ando por aqui há tanto tempo que me lembro de Doris Day antes de ela ser virgem” – podia referir-se a este filme, que foi o primeiro filme de Day (tinha 23 anos) e onde ela ainda não está fixada na imagem que para mal ou bem dos seus pecados os estúdios de Hollywood lhe fabricaram nas décadas subsequentes. Está mais arisca, mais matreira, plenamente à vontade nos “innuendos” e nas sugestões de uma história assente em triângulos ou quarteto amorosos, cheio de identidades trocadas (quase ninguém é quem os outros pensam que é) e ameaças reais de falsas infidelidades. Já canta, também, e aí não faz grande diferença: o filme pára sempre que é preciso escutar as habilidades vocais de Miss Day, e as reacções perante as paragens dependerão dos gostos e sensibilidades de cada um – uma cantora maravilhosa ou uma cantora aborrecida como tudo (riscar o que não interessa).

Day foi parar um pouco por acaso a **Romance on the High Seas**, filme que o próprio Curtiz produzia através da sua própria empresa recém-fundada (era a segunda produção “independente” da Michael Curtiz Production, depois de **The Unsuspected** no ano anterior, no quadro de um acordo de distribuição com a Warner Brothers). Os sucessivos impedimentos de Judy Garland e Betty Hutton deixaram o papel vago, e uma dia alguém trouxe Doris, conhecida do teatro musical e das casas de espectáculos de Hollywood, à atenção de Curtiz. Foi “coup de foudre”, percebeu que tinha encontrado a sua actriz, sem medo da sua falta de currículo e experiência no cinema. Antes pelo contrário, seduzido pela sua falta de currículo e experiência no cinema: quando Day, um pouco assustada pela súbita projecção, lhe pediu aulas de representação, Curtiz opôs-se terminantemente – “no, no. You're a natural just as you are - if you learn how

to act, you'll ruin everything. You have a natural thing there in you, should no one ever disturb. You listen to me Doris. Is very rare thing. Do not disturb”, segundo a citação que encontramos e que preserva a aproximação muito especial à gramática inglesa do húngaro Curtiz.

Se passarmos da “descoberta” de Doris Day aos outros contributos arregimentados pelo filme, percebemos que este é verdadeiramente, e se calhar mais do que tudo, um filme do Michael Curtiz-produtor. O argumento de Julius J. Epstein, que Curtiz já conhecia pelo menos desde **Casablanca** (e como **Casablanca**, este é um filme de gente “em trânsito”, vale a pena registar isto enquanto tendência dos “desenraizados” de Hollywood, como Curtiz), o tempero picante que se adivinha que I.A.L. Diamond (futuro colaborador de Billy Wilder) tenha trazido aos diálogos, a música e as canções de Ray Heindorf e Oscar Levant (este, ele próprio, actor no filme), os cenários de Anton Grot... e claro, a mais especial de todas as colaborações, a de Busby Berkeley, recrutado por Curtiz para conceber e, muito provavelmente, encenar, os números musicais. O final, o clímax apoteótico, com a festa, a multidão, a explosão de cores (os balões e os outros adereços), faria pensar em Berkeley mesmo se não soubéssemos que ele estava envolvido. De certa forma, em termos puramente plásticos, não é só o apogeu do filme, é o ponto para que ele caminha através do tratamento dos cenários e das cores (os pastéis, as tonalidades claras cortadas por breves rajadas de cores mais berrantes): é a premonição de um mundo com as cores e a ordem de um folheto de agência de viagens; e, embora aqui estejamos no domínio do “exotismo” (a América do Sul vista de Hollywood), é impossível deixar de pensar na imagem dominante, e também muito hollywoodiana, dos “fifties” americanos (imagem em que, já agora, Doris Day viria a encaixar tão perfeitamente que se tornaria parte dela, fixada como um emblema dos anos 1950).

Se os valores de produção são impecáveis neste filme do Michael Curtiz-produtor, também não deixamos de pensar que ele podia estar um bocadinho mais investido do Curtiz-realizador. É um bocadinho mortiço, às vezes, sobretudo se visto em cotejo com a tradição em que se insere, uma mistura do musical dos anos 30 e 40 (dos **Flying Down to Rio** aos caleidoscópios com Carrmen Miranda) com a comédia sofisticada, baseada em equívocos, enganos, identidades trocadas, falsas aparências, que tem nos filmes de Lubitsch o exemplo maior. Precisava de outro veneno para estar plenamente à altura dos seus melhores modelos, e também de outro carisma – por exemplo nos actores, onde (e Day à parte) só o sempre divertido Jack Carson se destaca no quarteto principal (Don DeFore e Janis Paige são assim um bocadinho, como dizer, “bland”, insossos), e face a isso é um magro consolo (mas ainda assim um consolo) a acerto da galeria de secundários, S.Z. Sakall, Eric Blore, e sobretudo Franklin Pangborn, deliciosamente “typecast”, a fazer o papel (é o recepcionista) em que se especializou. Tudo junto, dá um filme sempre interessante – sobretudo “historicamente” interessante – mas apenas moderadamente divertido, longe do “alto mar” de Michael Curtiz.

Luís Miguel Oliveira